

RESSALVA

Atendendo solicitação do autor(a), o texto completo deste trabalho será disponibilizado somente a partir de **08/09/2027.**

MIQUÉIAS ESTEVÃO DE MORAES SARTORELLI

SOLUÇÕES DA PERSPECTIVA:

um estudo do ponto de vista narrativo em Guimarães Rosa e Glauber Rocha

**ASSIS
2025**

MIQUÉIAS ESTEVÃO DE MORAES SARTORELLI

SOLUÇÕES DA PERSPECTIVA:

um estudo do ponto de vista narrativo em Guimarães Rosa e Glauber Rocha

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para obtenção do título de Doutor em Letras. (Área de Conhecimento: Literatura e Vida Social).

Orientadora: Dra. Gabriela Kvacek Betella

Bolsista: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

ASSIS

2025

S251s

Sartorelli, Miquéias Estevão de Moraes

Soluções da perspectiva : um estudo do ponto de vista narrativo em Guimarães Rosa e Glauber Rocha / Miquéias Estevão de Moraes Sartorelli. -- Assis, 2025

245 f.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis

Orientadora: Gabriela Kvacek Betella

1. Guimarães Rosa. 2. Glauber Rocha. 3. Literatura e cinema. 4. Ponto de vista (literatura). 5. Arte e sociedade. I. Título.

IMPACTO POTENCIAL DESTA PESQUISA

A presente tese, ao se ocupar das relações entre arte e sociedade, espera contribuir para a Agenda 2030 dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável estabelecidos pelas Nações Unidas. Trata-se de uma pesquisa que discute formas de representação da vida social brasileira, com destaque para a formulação estética de problemas de base de nossa história. Acredita-se aqui que compreender como se dão esses processos é essencial a um país que persegue a redução das desigualdades (ODS 10) como pilar para um futuro melhor.

POTENTIAL IMPACT OF THIS RESEARCH

This thesis, by addressing the relationship between art and society, aims to contribute to the 2030 Agenda for the Sustainable Development Goals established by the United Nations. It is a study that examines ways of representing social dynamics in Brazil, with particular emphasis on the aesthetic articulation of deep-rooted issues in our history. The underlying belief is that understanding how these processes unfold is essential for a country that seeks to reduce inequalities (SDG 10) as key to a better future.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE MIQUÉIAS ESTEVÃO DE MORAES SARTORELLI, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS - CÂMPUS DE ASSIS.

Aos 08 dias do mês de setembro do ano de 2025, às 14h, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de TESE DE DOUTORADO de MIQUÉIAS ESTEVÃO DE MORAES SARTORELLI, intitulada **SOLUÇÕES DA PERSPECTIVA: um estudo do ponto de vista**

narrativo em Guimarães Rosa e Glauber Rocha. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Profa. Dra. GABRIELA KVACEK BETELLA (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) UNESP/FCL-Assis, Prof. Dr. FRANCISCO CLAUDIO ALVES MARQUES (Participação Virtual) do(a) UNESP/FCL - Assis, Prof. Dr. FABIANO RODRIGO DA SILVA SANTOS (Participação Virtual) do(a) UNESP/FCL - Assis, Profa. Dra. JOSETTE MARIA ALVES DE SOUZA MONZANI (Participação Virtual) do(a) Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Prof. Dr. MATEUS ARAÚJO SILVA (Participação Virtual) do(a) Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA). Após a exposição pelo doutorando e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, o discente recebeu o conceito final: APROVADO. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão


Profa. Dra. GABRIELA KVACEK BETELLA

Para Edmarcia,
minha companheira,
que viu de perto este estudo tomar forma

AGRADECIMENTOS

Nas pessoas de Renato Motta Noviello, Alice Reis Silva, Nicollas Santos Lima e Beatriz Vitória Santos Guedes, agradeço à Cinemateca Brasileira. Renato, Alice, Nicollas e Beatriz me receberam e me auxiliaram durante a consulta aos documentos do Arquivo Glauber Rocha e da Biblioteca do Centro de Documentação e Pesquisa. Os dias passados com os roteiros de Luiz Paulino e de Glauber Rocha ali depositados, com suas anotações, com seus datiloscritos, além de relevantes de modo tópico para meu estudo, só vieram confirmar a importância mais geral de uma instituição como esta para a sociedade brasileira. Nas pessoas de Valéria Aparecida Valente e Marcos Paulo Castro dos Santos, agradeço ao Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros, da USP. Valéria e Marcos foram pacientes com meus constantes pedidos de reagendamento e, mais que isso, foram essenciais para um momento da pesquisa que me exigiu a análise dos documentos de Guimarães Rosa sob a guarda do IEB.

Agradeço à Gabriela Kvacek Betella, minha orientadora. Além de ter sido indispensável para a concepção e execução desta tese, Gabriela exerceu grande impacto sobre a minha formação. Tive a sorte de ser seu orientando desde os tempos de iniciação científica e de contar com toda a sua ajuda. Agradeço aos professores Fabiano Rodrigo da Silva Santos e Francisco Claudio Alves Marques as contribuições do Exame de Qualificação e a continuidade desse diálogo para a ocasião da Defesa. Agradeço igualmente à Josette Maria Alves de Souza Monzani e ao Mateus Araújo Silva. Os dois, cujo trabalho sobre a obra de Glauber Rocha eu admiro, toparam, junto com Fabiano e Francisco, fazer a leitura deste material.

A interlocução com Edmarcia Regina Tinta, a quem este estudo é dedicado, foi fundamental para mim. O corpo a corpo com um material fílmico tão heterodoxo quanto o do curta-metragem *Pátio*, por exemplo, obra inserida num quadro amplo de referências, para o qual concorrem diversas manifestações artísticas, foi enriquecido por conversas com ela. Ao longo de todo o processo de leitura e escrita da pesquisa, Edmarcia muitas vezes me socorreu com o seu ouvido amigo. Mais para o fim, fez dos últimos dias de redação do texto um momento agradável. A ela, agradeço. Na sua origem, a seção da tese dedicada aos textos de “Com o vaqueiro Mariano” foi beneficiada por conversas com o amigo Luis Gustavo Cardoso, que se

dispôs a sentar comigo para discutir Guimarães Rosa. A ele agradeço o bom papo de sempre.

Agradeço à Divisão Técnica de Biblioteca e Documentação da Unesp Bauru, ao Serviço de Biblioteca e Documentação “Prof. Dr. Antônio Gabriel Atta” da FOB-USP, à Biblioteca Municipal de Bauru Rodrigues de Abreu e muito especialmente ao Espaço de Leitura do Sesc Bauru. Além do acesso a alguns livros, essas instituições não raro me garantiram um bom local de trabalho fora de casa. Agradeço a dois grupos de estudos, em particular. Ao grupo de estudos Cinema: Revelação e Engano, sou grato pela oportunidade de ensaiar alguns comentários analíticos sobre filmes. Ao grupo Literatura em Quarentena, devo nada menos do que o meu regresso ao mundo acadêmico e a vontade de fazer um doutorado.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

As pessoas têm uma ideia, meio à distância, de que Antonio Candido seria avesso à teoria, dado o seu estilo de ensaísta que não ostenta a sua formação teórica extraordinária. Pois bem, os dois cursos que fiz com ele foram de Teoria Literária no sentido mais pleno da palavra. Um sobre a categoria do ponto de vista ou do foco narrativo, que é fundamental em todo o meu trabalho e marcou profundamente a minha formação, tanto é que está lá no Sertão mar, está lá no Alegorias e está nas minhas análises de filmes em muitos artigos. O foco narrativo é uma categoria central na construção da forma cinematográfica ou literária

Ismail Xavier
(entrevista de 12 de novembro de 2012 a Eduardo Morettin e Mônica Almeida Kornis)

RESUMO

O presente estudo estabelece um paralelo entre o romance *Grande sertão: veredas* (1956), de Guimarães Rosa, e o filme *Deus e o diabo na terra do sol* (1964), de Glauber Rocha. Com base em uma sugestão deixada por Ismail Xavier, em *Sertão mar* (1983), a tese destaca um trabalho decisivo, e comum aos dois autores, com o ponto de vista narrativo. Parte-se da ideia de que Guimarães Rosa, na literatura, e Glauber Rocha, no cinema, ao procurarem superar uma representação pitoresca da matéria sertaneja, desenvolveram formas mais complexas de narrar. Assim, ambos ficam identificados na busca de um narrador ligado à cultura local e na construção de esquemas discursivos capazes de formular antagonismos sociais. Para compreender esses feitos narrativos do romance de Rosa e do filme de Glauber de modo um pouco mais amplo, não como meros acidentes de percurso ou dados isolados, traça-se aqui um trajeto de análise que incorpora, do escritor mineiro, também os nove contos de *Sagarana* (1946) e os três textos de “Com o vaqueiro Mariano” (1947-48) e, do cineasta baiano, o curta *Pátio* (1959) e *Barravento* (1962). Com isso, a tese também espelha dois itinerários.

Palavras-chave: Grande sertão: veredas; Guimarães Rosa; Deus e o diabo na terra do sol; Glauber Rocha; ponto de vista.

ABSTRACT

This study draws a comparison between the novel *The devil to pay in the backlands* (1956), by Guimarães Rosa, and the film *Black God, White Devil* (1964), by Glauber Rocha. Following a suggestion made by Ismail Xavier in *Sertão Mar* (1983), the thesis highlights a key element shared by both authors: the use of narrative point of view. The idea is that Guimarães Rosa, in literature, and Glauber Rocha, in film, tried to move beyond a folkloric view of the *sertão* and created more complex ways of telling stories. Both focus on building a narrator connected to local culture and on creating forms of discourse that bring social conflicts into play. To better understand these narrative strategies in Rosa's novel and Glauber's film, this study does not treat them as isolated cases. Instead, it proposes a broader analysis. It also includes Rosa's nine short stories from *Sagarana* (1946) and the three texts from "Com o vaqueiro Mariano" (1947–48), as well as Glauber Rocha's short film *Pátio* (1959) and the feature *Barravento* (1962). In doing so, the thesis also reflects two parallel creative paths.

Keywords: The devil to pay in the backlands; Guimarães Rosa; Black God, White Devil; Glauber Rocha; point of view.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: AFINIDADES ELETIVAS.....	12
1. O NARRADOR DE <i>GRANDE SERTÃO: VEREDAS</i>.....	15
2. EM BUSCA DE UM NARRADOR SERTANEJO.....	36
2.1. NARRADORES DE <i>SAGARANA</i>	37
2.1.1. Os nove contos de <i>Sagarana</i>	38
2.1.2. As formas do contador de histórias e do ficcionista moderno.....	49
2.1.3. Um doutor deixa a cena ou o nascimento de um narratário.....	55
2.2. O ESCRITOR VISITA SEU PERSONAGEM.....	63
2.2.1. Os três textos de “Com o vaqueiro Mariano”.....	65
2.2.2. A entrevista como forma literária e como mediação social.....	70
2.2.3. A distância entre o escritor e o vaqueiro.....	75
3. <i>GRANDE ACHADO DO PONTO DE VISTA</i>.....	82
3.1. ITINERÁRIO E CIRCUNSTÂNCIA DE RIOBALDO.....	83
3.1.1. Um bastardo.....	84
3.1.2. Um jagunço entre o céu e o inferno.....	89
3.1.3. Um chefe pactário.....	98
3.1.4. Um dono da terra e da palavra.....	106
3.1.5. A demanda do reconhecimento.....	115
4. A NARRAÇÃO DE <i>DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL</i>.....	128
5. INTENÇÕES EM DISPUTA.....	144
5.1. OS AVESSOS DA COMPOSIÇÃO ANTIMIMÉTICA DE <i>PÁTIO</i>	145
5.1.1. Do esvaziamento da forma aos marcadores da realidade brasileira.....	148
5.1.2. A dimensão social do espaço.....	155
5.2. LEITURAS CONCORRENTES EM <i>BARRAVENTO</i>	162
5.2.1. A representação entre a poesia folclórica e o discurso militante.....	165
5.2.2. Os negros entre o levante político e a resistência cultural.....	176
5.2.3. A focalização entre o distanciamento crítico e uma adesão a contrapelo.....	179

6. FUTURO DO PRETÉRITO.....	187
6.1. A SEQUÊNCIA FINAL DE <i>DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL</i>	188
6.1.1. O mar.....	190
6.1.2. A terra.....	198
6.1.3. O tempo.....	206
CONSIDERAÇÕES FINAIS: O DIÁLOGO POSSÍVEL.....	213
7. BIBLIOGRAFIA.....	222
7.1. OBRAS DE GUIMARÃES ROSA.....	222
7.2. OBRAS ACERCA DE GUIMARÃES ROSA.....	223
7.3. OBRAS DE GLAUBER ROCHA.....	229
7.4. OBRAS ACERCA DE GLAUBER ROCHA.....	230
7.5. REFERÊNCIAS GERAIS.....	234

INTRODUÇÃO: AFINIDADES ELETIVAS

Nos momentos finais de *Sertão mar: Glauber Rocha e a estética da fome* (1983), Ismail Xavier fala de um paralelismo entre a literatura de Guimarães Rosa e o cinema de Glauber Rocha. Para o crítico, o trabalho com a instância da narração aproxima a obra desses dois artistas. Tanto o romance *Grande sertão: veredas* (1956) quanto o filme *Deus e o diabo na terra do sol* (1964) encontrariam saídas para a representação da matéria sertaneja pela via da elaboração do ponto de vista narrativo. É como se tivéssemos, de um lado, a invenção de Riobaldo e do esquema de um monólogo-conversa como caminho encontrado pela obra literária para formalizar tensões de base entre o mundo do letrado e a experiência popular e, de outro, uma importante operação discursiva presente no longa de Glauber que, igualmente, foi capaz de assimilar na forma fílmica as contradições da realidade brasileira. Nos dois casos, vê-se uma superação da distância sujeito-objeto muito comum ao retrato do sertão. A tese pega então carona nessa sugestão de análise deixada por Ismail Xavier em *Sertão mar* e se debruça sobre ela. Os três capítulos iniciais se dedicam a entender melhor o comportamento do narrador em Guimarães Rosa. Os três seguintes se voltam mais detidamente para os procedimentos de narração em Glauber Rocha. Por último, esses autores são postos em contato. Com tal estrutura e organização do texto da pesquisa, tentamos espelhar duas trajetórias que, embora singulares e resultantes de projetos distintos, identificam-se na busca por soluções estéticas e políticas mais complexas para o problema da relação entre o ato de narrar e o objeto da narrativa, entre a focalização e o universo focalizado.

O primeiro capítulo se debate com a posição do narrador de *Grande sertão: veredas*, sobretudo procurando sublinhar as suas muitas ambivalências. Riobaldo é examinado como o herói da história e, a um só tempo, como o contador da história; posto no calor da ação, implicado nos acontecimentos, e já recolhido na sua fazenda, passando a limpo suas memórias. Acima de tudo, este é um tópico de abertura que prepara o leitor para a questão do mono-diálogo, dado que o segundo capítulo tem em vista rastrear nos contos de *Sagarana* (1946) e nos artigos de “Com o vaqueiro Mariano” (1947) - publicados no jornal carioca *Correio da Manhã* - como que os instantes de formação desse esquema narrativo original. O terceiro capítulo

analisa no detalhe a especificidade do estatuto do narrador do romance de Guimarães Rosa. Avalia o itinerário do protagonista, desde sua infância pobre junto à mãe Bigrí até a sua temporada como jagunço pelo interior mineiro, e a circunstância em que ele agora se encontra no tempo presente, em interlocução com um senhor da cidade. Na sequência, a tese passa a investigar o cinema de Glauber Rocha, reprisando o mesmo movimento diacrônico dispensado à literatura rosiana. Após um quarto capítulo ocupado com a caracterização do ponto de vista narrativo *sui generis* de *Deus e o diabo na terra do sol*, o quinto percorre o curta *Pátio* (1959) e o longa *Barravento* (1962) e em ambos flagra já os primeiros passos da constituição de uma forma em curto-circuito que definiria a perspectiva de *Deus e o diabo*. É ao estudo desta perspectiva em disputa, heterogênea, do filme de Glauber de 1964 que o sexto capítulo se entrega. Destacando elementos da sequência final do longa, como a metáfora do mar, o enunciado da terra e a articulação do tempo, aqui também na esteira de *Sertão mar* de Ismail Xavier, exploramos os termos de uma narração que, ao tratar da história e das expectativas sertanejas cava, tal como Guimarães Rosa fizera antes, novas formas artísticas. As considerações finais da tese encaminham o leitor para uma interpretação comparada de *Grande sertão* e *Deus e o diabo*. Ali discutimos como Glauber de um lado e Rosa de outro, durante as décadas de 1950 e 1960, numa conjuntura anterior ao golpe de 1964, pensaram, no arranjo mesmo de suas narrativas, os impasses postos a um Brasil moderno.

A despeito das notáveis proximidades, são poucos os trabalhos que se dedicam a investigar correspondências entre o romance *Grande sertão: veredas* e o filme *Deus e o diabo na terra do sol*. Jair Tadeu da Fonseca (2008), Carolina Serra Azul Guimarães (2011), Raisal Damascena Rafael (2016) e Sílvia Barbalho Brito (2023), por exemplo, escrevem sobre a relação mais direta e declarada entre Glauber Rocha e Guimarães Rosa no livro *Riverão Sussuarana* (1977). Marília Rothier Cardoso (2007) chama a atenção para os aspectos criativos dos dois, ao pôr lado a lado 3 cadernos de Rosa, guardados no Arquivo de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa, e 2 cadernos de Glauber, na altura, conservados no acervo Tempo Glauber. Pascoal Farinaccio (2011), por sua vez, dá destaque para inovações linguísticas como um todo na obra de ambos. E Maria de Lourdes Soares (2000), embora apresente informações relevantes, tem efetivamente em vista a figura do ensaísta português Eduardo Lourenço, durante

sua estadia no Brasil, entre os anos 1958 e 1959. Dos raros trabalhos existentes que se dispõem a comparar o romance de 1956 com o filme de 1964, poderíamos citar a tese de doutorado de Marisa Aurea de Sá Falcão (2014 - voltada para a noção de limiar), a dissertação de mestrado de Ariadne Tadeu Pinheiro Arruda (2020 - com ênfase no tema da violência), e os artigos de Pedro Paulo Gomes Pereira (2008), Jefferson Assunção (2015) e Cíntia Borges A. da Fonseca (2024). Pedro Paulo Gomes Pereira (2008), ancorado em certos referenciais parecidos e outros diferentes, é o que mais se aproxima do tipo de análise que buscamos levar a cabo aqui. Em seu artigo, ele chega a esboçar comentários sobre o comportamento do foco narrativo em *Grande sertão e Deus e o diabo*. Este cenário ainda tímido nos leva a crer que a sugestão de Ismail Xavier, embora do maior interesse para quem se ocupa das relações entre literatura e cinema, ainda não foi suficientemente explorada. É a isso que nossa tese se propõe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: O DIÁLOGO POSSÍVEL

Grande sertão: veredas se abre sob o eco de uma saraivada de tiros, prenúncio da história épica de vendetas entre pistoleiros, soldados e alguns fazendeiros rivais que será contada por um velho narrador às margens do rio São Francisco, boa pista para o leitor de primeira viagem que este é um espaço marcado pela força, pela violência, onde as coisas se resolvem na bala. Mas esses estampidos do início, ouvidos por um moço da cidade que, tal como quem começa a leitura, coloca-se ali na condição de visitante, estão fora do presente da enunciação, isto é, são disparados - e, *ipso facto*, ouvidos - antes efetivamente da abertura do romance. Quando lemos as primeiras palavras de Riobaldo, com este personagem acomodado em sua cadeira de espreguiçar feita em Carinhanha, algo já se passou. O moço da cidade já ouviu disparos na ausência de seu anfitrião e guia pelos assuntos do sertão do noroeste mineiro. Diríamos então que *Grande sertão: veredas* começa antes de começar. Primeiro, e mais evidente, o grosso da aventura narrada se inscreve num tempo distante da enunciação, sendo reanimado enquanto lembrança de um jagunço aposentado de sua temporada de bandoleiro. Contudo, além disso, inferimos também certos acontecimentos de um passado mais recente; neste caso, imediatamente anteriores à linha inicial da obra¹⁴³: “- Nonada. Tiros que o senhor ouviu foram de briga de homem não, Deus esteja. Alvejei mira em árvore, no quintal, no baixo do córrego.” (Rosa, 2021, p. 13). O que faz Riobaldo é tranquilizar seu hóspede, diz que os tiros ouvidos há pouco não são resultado de nenhum confronto armado, briga local, foi ele mesmo em sua prática diária, treinando mira, costume antigo que traz da juventude. Como sabemos, o sertanejo Riobaldo cumpre o rito da hospitalidade caro ao mundo rural, exigindo do forasteiro uma estadia de no mínimo três dias em sua fazenda. E nesse momento quer deixar sua visita descansada, por isso sugere que se vive agora, nas imediações da

¹⁴³ O episódio do delegado Jazevedão é bom exemplo de um acontecimento situado em passado mais recente, portanto posterior ao término da guerra empreendida contra os hermógenes. É curiosamente um evento localizado no intervalo dos dois tempos fortes do romance, distante da conversa de Riobaldo com seu hóspede na sede da fazenda, e, por outro lado, também longe da matéria do relato principal. José Hildebrando Dacanal parece esquecê-lo, quando afirma com alguma veemência: “Determinar isto não é possível, porque a respeito do estático presente sabe-se apenas que ele *começa* com a visita a Quelemém e *termina* com a chegada do *doutor*, ou se se quiser, com a última palavra da narração. Nada, absolutamente nada, se sabe a mais. Da visita a Quelemém até a chegada do *doutor* temos *um tempo sem eventos*, sem fluir portanto.” (Dacanal, 2009, p. 212).

região, um tempo pacificado, já sem as refregas de outrora. Em outras palavras: aqueles barulhos não devem assustar, afastar, supor qualquer selvageria: era apenas um seu passatempo.

Esta situação, a princípio trivial para o desenrolar da trama, tem bastante a revelar sobre a estrutura geral do romance, bem como conta muito sobre a personalidade desse narrador que a nós está sendo apresentado pela ficção de João Guimarães Rosa. Ora, Riobaldo quer fazer o ouvinte crer que essa entrada ruidosa, algo bárbara e pouco cortês para com uma visita, não passa de nonada, de ninharia, coisa sem importância; seria tão somente prática recreativa sua, desporto, som destituído de ameaça; mas logo na sequência fornece material para desconfiarmos da real natureza dos disparos que ainda parecem ressoar na memória. O narrador fala do sacrifício de um bezerro nascido com deformações no rosto, algo recente, acabado de ocorrer, que serviria de ilustração das superstições do povo. Os moradores do lugar, assustados com aquele ser disforme, crendo ter aquele parto relação com o demônio, executam o animal e o fazem com o revólver emprestado do próprio Riobaldo. A justaposição desses dois eventos na abertura da obra nos deixa sem saber no que acreditar. Os tiros ouvidos não foram de briga, mas foram efetivamente de um treino ou do abate do bezerro? Se os tempos são de paz, por que a manutenção da mira? Será mesmo apenas um *hobby*? “O senhor ri certas risadas...” (Rosa, 2021, p. 13), lemos ainda nessa primeira página. Note-se também que Riobaldo procura, de saída, marcar uma distância frente às crenças dos moradores para, em seguida, obter a anuência da opinião esclarecida do doutor sobre a inexistência da figura de um diabo - tema em torno do qual gravita todo o romance e que já se impõe aqui. O povo da região é prascóvio, ignorante e supersticioso; o moço da cidade é assisado e instruído. Será esta uma posição franca? Para com os seus, distância, recuo estratégico. Depois disso, cobre o doutor com um elogio duvidoso. De tal modo que a relação entre os dois já começa entremeada por uma boa sorte de não-ditos. Todos estes elementos juntos são um sinal de alerta para o leitor que vem chegando um pouco desavisado, assim como são dados essenciais para o crítico que busque entender como o livro se estrutura. É desse encontro inicial que vai emanar toda a longa história do jagunço Riobaldo.

Grande sertão: veredas se abre sob a forma de um diálogo. No meio da aventura, tragados que somos pelos mil e um nós do enredo e por uma fala caudalosa, ininterrupta, que tudo envolve, talvez isso saia um pouco de plano, mas

não devemos nunca perdê-lo de vista. Estamos diante de um diálogo. Em breve ensaio, Roberto Schwarz (1981) chamou a atenção para a singularidade deste *setting* narrativo, e, em trabalho posterior, mais extenso, Willi Bolle (2023) foi atrás de aprofundar o significado social da situação de abertura: “o romance de Guimarães Rosa é o mais detalhado estudo de um dos problemas cruciais do Brasil: a falta de entendimento entre a classe dominante e as classes populares, o que constitui um sério obstáculo para a verdadeira emancipação do país.” (Bolle, 2023, p. 11). O desenho que Roberto propõe para o entendimento deste arranjo narrativo singular é o de um “t”, cuja trave horizontal representa a conversa entre Riobaldo e sua visita no presente e cuja trave vertical diz respeito a todo um passado jagunço que ela traz à tona. Após o estudo de Willi, que, por seu turno, tira proveito dos anos de acumulação crítica sobre o romance, talvez seja o caso de acrescentarmos alguns traços novos ao desenho original. Na ponta esquerda da trave deitada imaginemos o narrador e na outra extremidade, seu interlocutor, o narratário. Um fala e o outro anota; um é narrador em primeiro grau e o outro é quem, depois de tudo, talvez tenha convertido o relato em texto escrito, sendo assim narrador também, mas menos evidente. São os dois polos de um Brasil entre o verbo e a letra, entre o sertão e a cidade. No intuito de ilustrar somente o quadro de enunciação da obra, pensemos a trave em pé de um outro modo; ainda perpendicular, mas também para cima, ligeiramente acima da linha horizontal. Seu formato termina sendo, bem ao gosto do romance, o de uma cruz. O topo curto da haste vertical desta cruz alude a uma consciência organizadora, a uma espécie de autor implícito. Já a sua base longa é uma descida à massa de vozes sertanejas, lá de onde, e mais ao fundo, podemos ouvir a língua arrevesada das gentes do Pubo e do Sucruiú. Estas instâncias supra e infra põem o narrador em perspectiva e, combinadas ao restante do desenho que sugerimos, montam a complexa arquitetura discursiva do romance.

Deus e o diabo na terra do sol se encerra com uma moral da história. O narrador *over*, que vinha até ali entretecendo a saga de Manuel e Rosa, agora extrai daquilo tudo que conta uma lição. Contra a crença de Manuel em um milagre e contra a resignação de Rosa, pontos de partida do filme, a sua mensagem conclusiva se apresenta como um chamado à ação. O signo decisivo dessa sua mensagem final é a terra, para a qual ele orienta a intervenção humana. A terra é do homem, eis o seu conselho. Se olharmos bem, este tinha sido o primeiro movimento

de Manuel como resposta às condições precárias de vida no sertão, antes mesmo de errar pelos grupos de beatos e cangaceiros. Da partilha do gado com o coronel Moraes, ainda no começo do longa-metragem, o vaqueiro esperava a negociação de um pedaço de terra, onde pudesse fazer o seu roçado e ter uma colheita própria. A questão é que aqui a saída ainda se colocava em termos individuais e, em boa medida, ilusórios, sem efeito maior sobre a estrutura agrária que está na base do problema. Não à toa, nosso personagem logo frustra suas expectativas, e por isso também a terra anunciada pela voz *over* é outra, mais em sintonia com uma mobilização camponesa. A terra é do homem, não é de Deus nem do Diabo, eis o conselho por completo e o anúncio de uma realidade não mais dependente de messianismos e banditismos. Mas trata-se, sobretudo, da defesa de um olhar laico, participante e direcionado, onde predominavam religião, conformismo e anomia. É um ataque frontal à visão de mundo encarnada e encampada, no filme, por Sebastião, o santo milagreiro que prega a seu séquito a redenção no paraíso. Sebastião também fala de terra, promete uma terra onde tudo é verde aos que o seguem: “Os cavalo comendo as flor e os menino bebendo leite nas água do rio. Os homem come o pão feito de pedra e poeira da terra vira farinha. Tem água e comida. Tem a fartura do céu e todo dia, quando o Sol nasce, aparece Jesus Cristo e Virgem Maria”, mas estas, como se vê, são as terras de Deus, bênçãos das quais só se pode desfrutar no além-túmulo, prêmio derradeiro a quem hoje sofre. Quer dizer, o desenlace das mazelas sociais fica para outro tempo e lugar: “Quem é pobre vai ficar rico no lado de Deus e quem é rico vai ficar pobre nas profunda do Inferno.”. Daí a descida que o filme realiza de Monte Santo ao raso da caatinga, chão por onde Manuel e Rosa correm na sequência final. Contra essa espécie de metafísica da espera é que a mensagem igualmente se insurge ao concluir que a terra é do homem, nesta dimensão, no aqui e agora.

Curiosamente, no entanto, o último gesto de *Deus e o diabo* é um salto da terra para o mar. Saímos de um cenário quase todo cerrado sobre o sertão, sob a convocação telúrica da voz do narrador, para dali sermos lançados, de súbito, em uma tomada aérea do mar, insuflada de imaginação utópica. Mais que isso, vamos da crítica à afirmação de um transcendente. Diversamente de uma moral da história secular, de um primado da terra, o que vemos por último são as ondas do mar, que invadem a tela ao som do *Choros 10*, de Heitor Villa-Lobos, cumprindo, de certa maneira, a profecia de que o sertão ia virar mar, enunciada primeiro por Sebastião.

É um fim de filme que, à revelia dos versos que arrematam o cancionero popular com uma proposta de desmistificação, faz valer a semântica religiosa. Veja-se, a título de exemplo menor mas interessante, que a inclusão do mar libertador no fim do itinerário da corrida de Manuel pelo deserto sertanejo tem lá seu eco no êxodo bíblico. O que ocorre é que, pela certeza, pela distância, pela iminência, a revolução é forjada em chave profética. Alguém poderia dizer que a imagem do mar ali já não representa a segunda vinda de Cristo, como evocada nas prédicas do beato no topo de Monte Santo, mas sim um vislumbre da transformação social, isto é, vislumbre de mudanças que devem se processar neste mundo, e breve. E estaria correto na objeção. Ainda assim, a transformação pensada para este mundo a que se alude ali, não mais resultante da instauração do reino dos justos, continua além da *physis* e da *práxis*. Ainda estamos em face de algo que ultrapassa o raio de ação do nosso casal de protagonistas e obedece a uma causalidade superior, seja por influência do pistoleiro Antônio das Mortes sobre os acontecimentos, seja graças à intervenção da montagem, que justapõe dados apartados. E isso ocorre, cabe sublinhar, não só porque o filme se vale da metáfora apocalíptico-apoteótica, tomada de empréstimo a uma escatologia cristã para representar a revolução vindoura, não só porque se serve de sua força disruptiva e promessa de um futuro melhor, mas também porque conserva seu modo de ser.¹⁴⁴

Deus e o diabo na terra do sol se encerra com uma emenda complexa de sertão e litoral. Ponto de culminância da trama, esses instantes finais são reveladores das tensões internas que o filme vem trabalhando no seu conteúdo e assimilando nos fundamentos da sua linguagem. Nesse momento, talvez ainda mais nuançado do que outros, percebemos a extensão de suas ambivalências. A crítica iluminista, que, a princípio, viria do litoral, de um polo urbano e moderno, vem é da canção popular e está condensada, paradoxalmente, no emblema da terra. Já a visão profética do universo retratado - portanto, local e da terra - é reforçada pela alegoria do mar. Quanto mais Manuel corre rumo à lucidez, a um estágio de consciência desalienada, em que o homem é sujeito da História, mais parece confirmar um destino já traçado. A música coral surge nessa hora de maior

¹⁴⁴ Ismail Xavier constata e provoca: “Na convergência das teleologias, enquanto o discurso político fazia uso de uma terminologia científica, o filme realiza esses pressupostos a partir da mediação da linguagem popular cristalizada na tradição oral. Nesse sentido, o próprio movimento da obra revela, ao invés de mascarar, o quanto a história que estava na cabeça dos não-alienados, dos lúcidos livres de superstições, era afinada com a noção de destino própria à consciência alienada; fica exposta a matriz comum - a lógica da profecia.” (Xavier, 2007, p. 192).

complexidade. Presente tanto junto aos versos finais do romanceiro quanto como componente da peça de Villa-Lobos, ela descreve bem esse jogo de diferença e identificação. Em *sertão mar: Glauber Rocha e a estética da fome*, Ismail Xavier (2007) se debruçou sobre as manifestações dessas polaridades de *Deus e o diabo*, e o fez com uma análise que vai da parte ao todo, desde o detalhe até movimentos maiores. No conjunto de significações da obra, o crítico examinou um constante diálogo entre o imaginário popular sertanejo e o ideário progressista da esquerda dos anos 1960. Estamos, aqui também, diante de uma obra que põe as duas porções do Brasil em diálogo. E mais: aqui também temos uma obra que incorpora essas duas cosmovisões à perspectiva a partir da qual organiza sua matéria. São pontos de vista ora em confronto, ora - de modo programado ou quem sabe à revelia das intenções do cineasta - identificados. Do estudo de Ismail, de que nossas considerações sobre o cinema de Glauber Rocha são, no essencial, tributárias, podemos destacar como isso se dá recorrendo às ideias, desenvolvidas por ele, de 1) centro problemático da narração e 2) de existência de um comando geral teleológico. O centro problemático trabalha no sentido dos contrastes. Equivale a dizer que, se o assunto de *Deus e o diabo* é o percurso das revoltas camponesas, a posição sobre esse assunto é uma instância em disputa. Ao invés de uma convergência dos canais de informação narrativa, o que sobressai na composição de *Deus e o diabo* é uma ligação disjuntiva. Já a teleologia é um dado de aproximação onde se imaginava haver incompatibilidade. Profecia e revolução, como anverso e reverso da medalha, ficam assim irmanadas na concepção de um tempo histórico linear, ascendente, que caminha inexoravelmente para um *té/los* salvacional.

Grande sertão: veredas e Deus e o diabo na terra do sol. Nessas duas obras da maior importância para a cultura brasileira, a forma artística põe em contato realidades geográfica e socialmente afastadas. Livro e filme, a despeito dos aspectos que lhe são únicos, apresentam notáveis afinidades de construção narrativa ao buscarem um campo de articulação. O primeiro feito parecido aqui é a invenção da figura de **um narrador sertanejo**. Guimarães Rosa e, depois dele, Glauber Rocha apostam na composição de um narrador intrínseco ao sertão. No lugar de acionarem uma voz de fora do universo focalizado, muitas vezes totalmente recuada e estranha à história contada, eles botam o discurso na boca de suas criaturas - desafio extra a um tipo de representação sensível à experiência alheia.

Trata-se de uma interiorização da perspectiva local, correspondendo ao que Davi Arrigucci Jr. (2010a) chamou de revolução social do ponto de vista, cujo dado especial é a incorporação da matéria sertaneja como visão de realidade. Enquanto *Grande sertão* faz a passagem da terceira para a primeira pessoa, *Deus e o diabo* dispensa o narrador *over* padrão - voz de Deus descolada da experiência retratada, embora a ela eventualmente simpática -, em favor do seu cantador nordestino. São duas obras notabilizadas pelo emprego de narradores da tradição oral. No romance, quem tem a vez é o contador de histórias; no longa-metragem, o poeta popular. A abertura à ótica dos seres representados pode ser feita de diferentes maneiras, mesmo sem o recurso direto a um narrador sertanejo. Basta lembrar que Rosa publica, também em 1956, as novelas de *Corpo de baile*, e que Glauber, em 1969, lança *O dragão da maldade contra o santo guerreiro*. Porém, é digno de nota o estatuto singular desses dois narradores orais. O contador de histórias e o cantador de feira estão vinculados, na raiz de seu ofício, à ancestral arte de narrar e assentados no *medium* da oralidade. São os precursores do escritor e do cineasta. Nesse sentido, ainda que em trânsito, são aqueles que dão corpo à memória coletiva, que passam a vida a transmitir as histórias e os códigos de uma dada comunidade.

Outro feito comum aos dois autores é a complexa montagem de **uma narração dialética**, para a qual já acenamos quando sugerimos o desenho de uma cruz em *Grande sertão: veredas* e retomamos o estudo de Ismail Xavier (2007) sobre *Deus e o diabo na terra do sol*. A começar pela própria constituição dos narradores, tudo aqui parece estar submetido a esse tipo de interação dinâmica. A fala muito característica de Riobaldo combina oralidade sertaneja e manipulação escrita, tem forte inspiração regional e é produto de influxos linguísticos de toda sorte, resulta de um substrato real associado a muita invenção. Os versos do cantador partem de relatos, documentos e da literatura de cordel pré-existente, mas são igualmente recriações. O cancionário do filme é assinado por Glauber Rocha e tem a interpretação de Sérgio Ricardo. Narradores benjaminianos, contador e cantador fecham a história com a transmissão de um conselho, no entanto não os ouvimos enunciar as virtudes e valores usuais, mas sim uma lição moderna, como que diversa das crenças do mundo em que vivem. Suas últimas palavras - como arremate - são de uma semelhança impressionante. Conclui, o contador de histórias: “O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é homem humano.

Travessia.” (Rosa, 2021, 536). Conclui, o cego cantador de feira: “Tá contada a minha estória,/ Verdade, imaginação,/ Espero que o sinhô tenha tirado uma lição,/ Que assim mal dividido/ Esse mundo anda errado/ Que a terra é do homem/ Não é de Deus nem do Diabo”. Sabemos que cada “ensinamento” tem sua nota específica no contexto de que foram extraídos, que o contador de histórias está às voltas com uma ontologia do demônio, ao passo que o cego cantador vem apregoar algo na contramão de uma metafísica da espera. Contudo, ambos, ainda que com propostas específicas de imanência, oscilam entre mito e esclarecimento. Conforme já esboçamos mais acima, esses aedos modernos, em si mesmos ambivalentes, estão inscritos no quadro mais amplo da narração - de que são integrantes, não soberanos. Pode até parecer que Riobaldo está no controle da representação, mas na verdade ele divide espaço com seu interlocutor - muito menos passivo do que também se costuma imaginar - e está sob a mira de uma consciência organizadora e à contraluz de um acervo vasto de falas miúdas. De modo similar, o narrador *over* de *Deus e o diabo* vai dividir espaço e estabelecer nexos, tensões, com outros meios de significação fílmica: extratos sonoros e musicais, comportamento da câmera e da encenação, composição da *mise-en-scène* e da montagem.

Esses expedientes todos do ponto de vista narrativo de *Grande sertão* e de *Deus e o diabo* - seja a figura de seus narradores, sejam seus arranjos da narração - são respostas à experiência social brasileira que lhes era também bastante próxima. Bem longe de maquiar ou apaziguar as contradições de um país desigual, essas obras são o espaço de **uma interlocução possível**. Moderno e arcaico, erudito e popular, universal e regional, urbano e rural, são alguns dos conceitos polares de um Brasil que impregnaram a vida mental do país no curso do século XX e que estão nelas duas aproximados. Com essas preocupações mútuas, romance e filme participam de uma discussão mais profunda e de largo espectro sobre a situação brasileira. É válido aqui lembrar que a dualidade sempre foi o carimbo de uma nação periférica como a nossa, desde os tempos de sua formação, e que o sertão consiste em um de seus maiores símbolos. Se no começo do século XIX, a oposição metrópole-colônia ocupa o centro do debate, e sua pedra de toque é a ideia de dependência, já no fim de século, ela vai dando lugar aos pares litoral-sertão. Os polos antitéticos, antes separados pelo Atlântico, são traduzidos agora para o interior do mesmo território, impregnando fortemente, como dissemos, a vida intelectual brasileira de boa parte do século XX. São bons exemplos disso a

“Canção do exílio”, de Gonçalves Dias, e o poema “Descobrimento”, de Mário de Andrade, onde se pode ver o *cá e lá* anterior virar uma espécie de *cá e cá*. A palavra de ordem passa a ser a noção de progresso e o seu inimigo, o subdesenvolvimento. A destruição de Canudos e a construção de Brasília são as balizas históricas desse novo tempo. Antonio Candido (1989) caracteriza essa passagem como a mutação de uma consciência amena a uma consciência catastrófica do atraso e não por acaso aponta como decisiva a visão alterada sobre a natureza. O Brasil se olha no espelho e não gosta do que vê. Ali estava não o solo próspero e promissor dos românticos, mas uma terra assolada por problemas.¹⁴⁵ Para usarmos os termos de Euclides da Cunha, as elites à beira-mar topam com seus patrícios retardatários. Nesse contexto amplo de reflexão sobre o sertão, que engajou muito do pensamento e da cultura brasileiros, é que *Grande sertão: veredas* e *Deus e o diabo na terra do sol* se inserem e se movem. Equacionando à sua maneira uma atualidade bifronte, em que convivem aspiração burguesa e herança senhorial, desejo de uma moderna sociedade urbano-industrial e realidade de um país agrário, seus autores, Guimarães Rosa e Glauber Rocha, a despeito das individualidades de projeto, e das distinções conhecidas de temperamento, têm essa alta correspondência: um na literatura, outro mais adiante no cinema, eles perseguiram formas narrativas mais consequentes para formular esse encontro tenso, difícil, do Brasil consigo mesmo.

¹⁴⁵ Segundo Antonio Candido: “Ora dada esta ligação causal ‘terra bela - pátria grande’, não é difícil ver a repercussão que traria a consciência do subdesenvolvimento como mudança de perspectiva, que evidenciou a realidade dos solos pobres, das técnicas arcaicas, da miséria das populações, da sua incultura paralisante. A visão que resulta é pessimista quanto ao presente e problemática quanto ao futuro.” (Candido, 1989, p. 142). Para uma cobertura dessas dualidades brasileiras, ver, ainda de Candido, “Literatura de dois gumes”. Paulo Arantes (2021) examinou mais a fundo essa tradição crítica, continuada por Roberto Schwarz, em seu *Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira*. No que se refere ao ponto particular de nossa análise, ele observa: “Esse último nexos - de que resulta forte impressão de realismo - implica justamente numa restauração em novos termos da dualidade entrevista na origem da experiência brasileira dos contrários. Só que agora a disparidade entre padrão civilizatório e inculta paisagem local não reflete mais o contraste entre dois mundos vinculados pela colonização, mas o resultado da persistência do Antigo Regime num país que o capital ia refazendo. Pois é essa nova dualidade que realimenta o sentimento brasileiros dos contrastes” (Arantes, 2021, p. 24). Cabe não esquecer também de *Cinema: trajetória no subdesenvolvimento*, de Paulo Emilio Sales Gomes (1996). Aos estabelecer os contornos mais gerais da juventude cinemanovista, Paulo Emilio diz: “Os quadros de realização e, em boa parte, de absorção do Cinema Novo foram fornecidos pela juventude que tendeu a se dessolidarizar da sua origem ocupante em nome de um destino mais alto para o qual se sentia chamada. A aspiração dessa juventude foi a de ser ao mesmo tempo alavanca de deslocamento e um dos novos eixos em torno do qual passa a girar a nossa história. Ela sentia-se representante dos interesses do ocupado e encarregada de função mediadora no alcance do equilíbrio social.” (Gomes, 1996, 102). Mesmo um estudo recente como *Duas formações, uma história*, de Luís Augusto Fischer, que procura reposicionar interpretações do Brasil cristalizadas ao longo deste período, não escapa a isso.

7. BIBLIOGRAFIA

7.1. OBRAS DE GUIMARÃES ROSA

ARQUIVO IEB-USP, Fundo João Guimarães Rosa. *Bicho mau* - Códigos de Referência: JGR-MO, cx 3,03; JGR-MO, cx 3,06; JGR-MO, cx 09,19; JGR-MO, cx 09,35; JGR-MO, cx 09,36; JGR-MO, cx 16,77; JGR-MO, cx 16,89; JGRdc 7 - 01; JGR - Rdc7 - 022.

ARQUIVO IEB-USP, Fundo João Guimarães Rosa. *Questões de família* - Código de Referência: JGR-MJGR - cx 3,01.

ARQUIVO IEB-USP, Fundo João Guimarães Rosa. *Sezão* - Código de Referência: JGR-M-01,01.

ARQUIVO IEB-USP, Fundo João Guimarães Rosa. *Sezão* - código de referência: JGR-M-02,01.

ARQUIVO IEB-USP, Fundo João Guimarães Rosa. *Uma história de amor* - Código de Referência: JGR-MJGR - cx 3,02.

ROSA, Guimarães. *A Boiada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

_____. *Antes das Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

_____. *Ave, Palavra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

_____. Cipango. *Folha da Manhã* (SP), 17 de fevereiro de 1953.

_____. Com o Vaqueiro Mariano. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 26 de outubro de 1947.

_____. Com o Vaqueiro Mariano. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 22 de fevereiro de 1948.

_____. Com o Vaqueiro Mariano. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 7 de março de 1948.

_____. Sanga Puytã. In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 1 de agosto de 1947.

_____. História de Fadas. In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 20 de abril de 1947.

_____. Ao Pantanal. *Diário de Minas*. Minas Gerais, 05 de abril de 1953.

_____. *Estas Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

- _____. *Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- _____. *Grande Sertão: Veredas* (ed. bolso). SP: Companhia das Letras, 2021.
- _____. Uns Índios - Sua Fala. *Letras e Artes*. Rio de Janeiro, 25 de maio de 1954.
- _____. *Magma*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- _____. *Manuelzão e Miguilim*. 1 ed. São Paulo: Global Editora, 2019.
- _____. *No Urubuquaquá, no Pinhém*. 1 ed. São Paulo: Global Editora, 2021.
- _____. *Noites do sertão*. 1 ed. São Paulo: Global Editora, 2021.
- _____. *Primeiras Estórias*. 16 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- _____. *Sagarana*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Universal, 1946.
- _____. *Sagarana*. São Paulo: Global Editora, 2019.
- _____. *Tutameia*. 10 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

7.2. OBRAS ACERCA DE GUIMARÃES ROSA

ANDRADE, Fábio de Souza. Leilão Divino, Tribunal Jagunço, Duelo de Bravos: Rito, Lei, Ordem e Costume em Guimarães Rosa. *Literatura e Sociedade*, São Paulo, Brasil, v. 7, n. 6, 2002, pp. 148-157.

ARRIGUCCI Jr., Davi. O mundo misturado: romance e experiência em Guimarães Rosa. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 40, novembro 1994, pp. 7-29. Disponível em: <https://novosestudos.com.br/produto/edicao-40/#gsc.tab=0>. Acesso em 21 fev. 2025.

_____. Sertão: Mar e Rios de Histórias. *O Guardador de Segredos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b. pp. 107-123.

ARRUDA, Ariadne Tadeu Pinheiro. *Vozes despedaçadas do sertão: violência, misticismo e corporeidade no livro Grande sertão: veredas, de Guimarães Rosa e no filme Deus e o diabo na terra do sol, de Glauber Rocha*. 145 f. Dissertação (Mestrado em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da FFLCH-USP). Orientador: Jaime Ginzburg. São Paulo, 2020.

ASSUNÇÃO, Jefferson. Travessia entre Glauber Rocha e Guimarães Rosa: o discurso autoconsciente de Deus e o diabo na terra do sol e sua relação com Grande sertão: veredas. *Revista Observatório da Diversidade Cultural*, vol. 2, n. 1, 2015, pp. 178-192.

BANDEIRA, Manuel. Grande sertão: veredas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13 mar. 1957. Disponível em: <https://news.google.com.br/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19570313&prints ec=frontpage&hl=pt-BR>. Acesso em: 21 fev. 2025.

BEZERRA DE MENEZES, Adélia Toledo. Grande Sertão: Veredas e a Psicanálise. *SCRIPTA*, v. 5, n. 10, 21 mar. 2002, pp. 21-37.

BOLLE, Willi. *Fórmula e Fábula*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1973.

BOLLE, Willi. *grandesertão.br: o romance de formação do Brasil*. 2 ed. São Paulo: Duas Cidades Editora 34, 2023.

_____. A paixão como medium-de-reflexão. *Revista USP*, São Paulo, n. 50, jun./ago. 2001, p. 80-99. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/35277>. Acesso: 21 fev. 2025.

BONOMO, Daniel Reizinger. No Surgimento de Sagarana. *Opiniões*, v. 2, n. 3, 2016, pp. 33-46.

CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. Rio de Janeiro, n. 20/21, dez. 2006.

CAMARGO, Frederico Antonio Camillo. *O Outro Rosa: Textos “Marginais” e Narrativas Inacabadas*. 2018. 397 f. Tese (Doutorado em Letras). USP, São Paulo. 2018.

CAMPOS, Haroldo de. A Linguagem do Iauaretê. *Metalinguagem & Outras Metas: Ensaios de Teoria e Crítica Literária*. São Paulo: Perspectiva, 2006. p. 57-64.

CANDIDO, Antonio. Jagunços Mineiros de Cláudio a Guimarães Rosa. *Vários escritos*. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1977. pp. 133-160.

CARDOSO, Marília Rothier. Cadernos de Glauber e Guimarães Rosa: aproximações. *Margens, márgenes*, jan./jun., 2007. pp. 72-79.

CASTRO, Eduardo Viveiros. Rosa e Clarice: a fera e o fora. In: *Revista Letras*, Curitiba, UFPR, v.98, jul./dez. 2018. pp. 9-30.

CASTRO, Gustavo; JUBÉ, Andrea. Guimarães Rosa e o Jornalismo. *Galaxia* (São Paulo), n. 40, jan-abr, 2019, pp. 145-158.

CHIAPPINI, L. Grande Sertão: Veredas - a metanarrativa como necessidade diferenciada. *Scripta*, v. 2, n. 3, p. 190-204, 14 out. 1998. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/10234>. Acesso em: 08 dez. 2024.

COELHO, Murilo da Silva. Riobaldo: Nosso Patriarca-Pactário - Monologismo, Polifonia e Épica Moderna no Grande Sertão: Veredas. 2021. 323f. Tese (Doutorado em Letras). UFPR, Paraná, 2021.

CORPAS, Danielle. O Jagunço Somos Nós: Visões do *Brasil na Crítica de Grande sertão: Veredas*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2015.

_____. Tudo Tinha de Semelhar um Social. *Terceira Margem*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura. Forma literária e processo social: a representação das lutas sociais no Brasil durante os séculos XIX e XX, ano IX, n. 12. Rio de Janeiro: UFRJ/Centro de Letras e Artes/Faculdade de Letras/Pós-graduação, 2005, pp. 91-103.

COSTA, Ana Luiza Martins. *João Guimarães Rosa, Viator*. 270 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) - Instituto de Letras, UERJ, Rio de Janeiro, 2002.

_____. Veredas de Viator. *Cadernos de Literatura Brasileira*, Rio de Janeiro, n. 20/21, p. 10-58, 2006

_____. Via e Viagens: A Elaboração de Corpo de baile e Grande sertão: veredas. *Cadernos de Literatura Brasileira*, Rio de Janeiro, n. 20/21, 2006, pp. 187-235.

_____. Homero no Grande sertão. *Kléos*, vol. 5/6 n. 5/6, jul. 2001 - jul. 2002, p. 79-124. Disponível em: <http://www.pragma.ifcs.ufrj.br/kleos/v5-6.html>. Acesso em: 21 fev. 2025.

DACANAL, Riobaldo & Eu: A Roça Imigrante e o Sertão Mineiro. Porto Alegre: Soles, 2009.

FALCÃO, Marisa Aurea de Sá. *Riscos do traço e do olhar nas narrativas-limiar de Guimarães Rosa e Glauber Rocha*. 201 f. Tese (Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia). Orientadora: Evelina de Carvalho Sá Hoisel. Co-orientadora: Marinyze das Graças Prates de Oliveira. Salvador, 2014.

FARINACCIO, Pascoal. Rosa e Glauber contra a linguagem dos políticos. *Revista Contexto*, n. 19, 2011. pp. 463-479.

FERREIRA, Ermelinda Maria Araújo. Quem será? Sagarana e o Chamado do Mistério, das Trevas e do Amor. *Via Atlântica*, v. 1, n. 29, 2016, pp. 189-205.

FINAZZI-AGRÒ, Ettore. O Brasil é Longe Daqui? Poder e Exceção em Grande sertão: veredas. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 8, n. 15, pp. 149-157.

FONSECA, Jair Tadeu da. Guimarães Rocha (ou Glauber Rosa). *Outra travessia*, n. 7, 2008. pp. 21-28.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *As Formas do Falso: Um Estudo sobre a Ambiguidade no Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

_____. A pena do jagunço. *Folha de São Paulo*, 25 de setembro de 2005.

_____. *Mitológica Rosiana*. São Paulo: Ática, 1978.

GARCIA, Wladimir Antônio da Costa. Quem é o narrador do Grande Sertão? *Travessia*, v. 7, n. 15, 1987.

GUIMARÃES, Carolina Serra Azul. A fome e o sonho: o olhar de Glauber Rocha sobre a obra de Guimarães Rosa. *Terceira Margem*, Rio de Janeiro, n. 24, jan./jun. 2011. pp. 109-126.

GUIMARÃES, Vicente. *Joãozinho: A Infância de João Guimarães Rosa*. São Paulo: Panda Books, 2006.

HANSEN, João Adolfo. O Ó: *A Ficção da Literatura em Grande Sertão: Veredas*. SP: Hedra, 2000.

HILBERT, Telma Maria Remor. Grande Sertão: Veredas: A Defesa (Um Discurso de Má-Fé). *Travessia*, v. 7, n. 15, 1987. p. 50-60.

INFANTE, Ulisses. Os Narradores de Sagarana e o Propósito de Pensar o Brasil. In: HERNÁNDEZ, Ascensión Rivas (org.). *João Guimarães Rosa: Un Exiliado del Lenguaje Común*. Salamanca: Ediciones Universidad Salamanca, 2017. pp. 25-45.

LEITE, Dante Moreira. A Ficção de Guimarães Rosa. *O Amor Romântico e Outros Temas*. Org. Rui Moreira Leite. 3 ed. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

_____. Grande Sertão: Veredas. *O Amor Romântico e Outros Temas*. Org. Rui Moreira Leite. 3 ed. São Paulo: Editora UNESP, 2007b. pp. 121-134.

LEONEL, Maria Célia de Moraes. Guimarães Rosa: Do Arquivo à Obra. In: *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v.2, n.3, p. 234-241, 2 sem, 1998. pp. 135-156.

LIMA, Sônia van Dijck. *Escritura de Sagarana*. São Paulo: Navegar, 2003.

_____. Guimarães Rosa em Demanda do Texto. *Revista ANPOLL*, n. 9, p. 187-210, julho/dezembro, 2000.

LINS, Álvaro. Uma Grande Estreia. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 12 de abril de 1946.

MACHADO, Ana Maria. *Recado do Nome: leitura de Guimarães Rosa à luz do Nome de seus personagens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013

MAZZARI, Marcus Vinicius. Figurações do “Mal” e do “Maligno” no Grande sertão: veredas. *Estudos Avançados*, v. 22, n. 64, 2008, pp. 273-290.

_____. Veredas-Mortas e Veredas-Altas: A Trajetória de Riobaldo entre Pacto Demoníaco e Aprendizagem. *Labirintos da Aprendizagem: Pacto Fáustico, Romance de Formação e Outros Temas de Literatura Comparada*. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2022. pp. 17-93.

MILANO, Gustavo; SALLA, Thiago Mio. Os Contos antes de *Sagarana*: Desdobramentos da Participação de Guimarães Rosa e Graciliano Ramos no

Prêmio Humberto de Campos. *Revista USP*, São Paulo, n. 115, outubro/novembro/dezembro, 2017. pp. 77-88.

MOIRA, Amara. Diadorim Homem até o fim (releituras transviadas do Grande sertão). TAUFER, Adauto Locatelli; CUNHA, Andrei dos Santos; ZITTO, Bruno Costa. (orgs.). *Diálogos transdisciplinares: ciências humanas, cultura e tecnologia*. Porto Alegre: Class, 2022. pp. 55-66. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/248465>. Acesso em: 21 fev. 2025.

MORAES, Joana Passi de. *Lembranças de Sol, Sul e Rosa: Uma Expedição ao Pantanal e seus Arquivos*. 2022. 279 f. Tese (Doutorado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2022.

MOREIRA, Paulo. Guimarães Rosa's São Marcos and Race and Class. *CLCweb: Comparative Literature and Culture*, 11.3 (2009): <<http://docs.lib.purdue.edu/clc/vol11/iss3/5>> Thematic Issue, *Politics and Identity in Lusophone Literature and Film*. Ed. Patrícia I. Vieira. pp. 1-9.

MÜLLER, Adalberto. Tradução e Perspectiva em Guimarães Rosa. *A Imagem sob a Imagem: Ensaios sobre Literatura & Artes*. Rio de Janeiro: Eduff, 2022.

NUNES, Benedito. *A Rosa o Que É de Rosa: Literatura e Filosofia em Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2013.

OUTRO Sertão. Direção: Adriana Jacobsen e Soraia Vilela. Produção: Galpão Produções, Instituto Marlim Azul. Brasil, 2013. Documentário. 73 min.

PÉCORA, Alcir. Aspectos da Revelação em Grande sertão: veredas. *Remate de Males*, Campinas, (7), 1987, pp. 69-73. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/issue/view/382>. Acesso em 21 fev. 2025.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Sertão e narração: Guimarães Rosa, Glauber Rocha e seus desenredos. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 23, n.1, p. 51-87, jan./abr., 2008. pp. 51-87.

PROENÇA, Cavalcanti M. Trilhas no Grande Sertão. In: _____. *Augusto dos Anjos e outros ensaios*. 2 ed. Rio de Janeiro, Brasília: Grifo, Instituto Nacional do Livro, 1973. p. 155-239.

RÓNAI, Paulo. A Arte de Contar em Sagarana. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 14 de julho de 1946.

RONCARI, Luiz. *Lutas e Auroras: Os Avessos do Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Editora UNESP, 2018.

_____. *O Brasil de Rosa: Mito e História no Universo Rosiano (O Amor e o Poder)*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

ROSA, Vilma Guimarães. *Relembamentos: João Guimarães Rosa, Meu Pai*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

ROSENBAUM, Yudith. A Batalha Final na Encruzilhada dos Fantasma. *Literatura e Sociedade*, n. 10, jan. 2007, pp. 109-117.

ROSENFELD, Kathrin. João Guimarães Rosa: O Contista de Sagarana. *Revista de Literatura Brasileira*, n. 15, ano 9, 1996.

SANTIAGO, Silviano. *Genealogia da Ferocidade: Ensaio sobre Grande Sertão Veredas, de Guimarães Rosa*. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 2018.

SCHETTINO, Paulo B. C. Duas vezes Guimarães Rosa no cinema brasileiro. *Estudos*, Goiânia, v. 3, n. 3-4, mar./abr., 2007, pp. 271-285.

SCHWARZ, Roberto. Grande-Sertão: A Fala. *A Sereia e o Desconfiado*. São Paulo: Paz e Terra, 1981a. pp.37-41.

SCHWARZ, Roberto. Grande-Sertão e Dr. Faustus. *A Sereia e o Desconfiado*. São Paulo: Paz e Terra, 1981b. pp.43-51.

TIBURI, Marcia. Diadorim: biopolítica e gênero na metafísica do sertão. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 21 (1): 424, jan.-abr., 2013, pp. 191-206. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100010>. Acesso em: 21 fev. 2025.

UTÉZA, Francis. *JGR: Metafísica do Grande Sertão*. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: PULM (Press Universitaires de la Méditerranée, 2016.

VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. A festa de Manuelzão. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, 41, 1996, pp. 85-95.

_____. Homens Provisórios. Coronelismo e Jagunçagem em Grande Sertão Veredas. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 5, n. 10, 1 sem., 2002, p. 321-333.

VIANNA, Andrea Ramos Jubé. *O Jornalismo em Guimarães Rosa: Aproximações*. 196f. 2019. Dissertação (Mestrado em Comunicação), UnB, Brasília-DF, 2019.

VILHENA, G. M. S. *Narrar é Resistir: Impasses e Entremeios em João Guimarães Rosa*. 2017. 272f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira), FFLCH-USP. São Paulo, 2017.

WISNIK, José Miguel. José Miguel Wisnik Fala sobre Grande Sertão: Veredas. Companhia das Letras. 11 de abril de 2019. Vídeo no Canal da Editora Companhia das Letras no Youtube (19min43s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZfA5ho38B-w>. Acesso em: 20 de junho de 2020.

7.3. OBRAS DE GLAUBER ROCHA

BARRAVENTO. Direção: Glauber Rocha. Roteiro: Glauber Rocha e José Teles de Magalhães. Argumento/Roteiro: Luiz Paulino dos Santos. Produção: Rex Schindler e Braga Neto. Bahia: Iglu Filme, 1962.

CINEMATECA BRASILEIRA, Arquivo Glauber Rocha. *Roteiros de Barravento*. Códigos de Referência: GR-BA 01/001, GR-BA 01/002, GR-BA 01/003, GR-BA 01/005, GR-BA 01/006.

CINEMATECA BRASILEIRA, Biblioteca do Centro de Documentação e Pesquisa. *Roteiro de Barravento*. Código de Referência: R. 36.

DEUS e o diabo na terra do sol. Direção: Glauber Rocha. Produção: Luiz Augusto Mendes. Bahia: Copacabana Filmes, 1964.

PÁTIO. Direção: Glauber Rocha. Salvador/BA/Brasil: 1959. 1 vídeo (12min35seg). Banco de Conteúdos Culturais da Cinemateca Brasileira. Disponível em: <http://www.bcc.org.br/filmes/760353>. Código 017084. Acesso em: 19 fev. 2025.

ROCHA, Glauber et alli. *Deus e o diabo na terra do sol*. Biblioteca Básica de Cinema, Dir. Alex Viany, vol. 1, Série Roteiros. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1965.

ROCHA, Clauder. Orfeu: metafísica de favela. Rio de Janeiro, Suplemento Dominical, *Jornal do Brasil*, 24 out. 1959. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_07&pasta=ano%20195&pesq=Orfeu:%20metaf%C3%ADsica%20da%20favela&pagfis=107805. Acesso em: 26 mar. 2025.

ROCHA, Glauber. *Glauber Rocha: cartas ao mundo*. Org. Ivana Bentes. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. *Glauber Rocha: crítica esparsa (1957-1965)*. Org. Mateus Araújo. Belo Horizonte: Fundação Clóvis Salgado, 2019.

_____. *Glauber Rocha: o nascimento dos deuses*. Org. Mateus Araújo. Belo Horizonte: Fundação Clóvis Salgado, 2019.

_____. *La revolución es una eztétyka*. Org. Ezequiel Ipar. Buenos Aires: Caja Negra, 2011.

_____. *O século do cinema*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

_____. *On Cinema*. Org. por Ismail Xavier; Coord. Lúcia Nagib; Texto final e notas de Cecília Mello; Trad. Stephanie Dennison e Charlotte Smith. Londres/ Nova Iorque: I.B. Tauris, 2019.

_____. *Revisão crítica do cinema brasileiro*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

_____. *Revolução do cinema novo*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

_____. *Roteiros do Terceiro Mundo*. Org. Orlando Senna. Rio de Janeiro: Alhambra-Embrafilme, 1985.

7.4. OBRAS ACERCA DE GLAUBER ROCHA

ARAÚJO, Inácio. Primeiro filme de Glauber é livre da “estética da fome”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo- SP, 29 set. 2010. Ilustrada. Acervo Folha. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2909201025.htm>. Acesso em: 19 fev. 2025.

ARAÚJO, Mateus; LIMA, Livia Azevedo; MELO, Luís Alberto Rocha. Posteridades de Limite no cinema brasileiro. *ARS*, n. 46, vol. 20, 2022, pp. 236-325. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ars/article/view/206074>. Acesso em: 20 fev. 2025.

ARAÚJO, Mateus. Figurações da História no Glauber Rocha maduro. In: AGUIAR, Carolina A.; CARVALHO, Danielle C; MORETTIN, Eduardo; MONTEIRO, Lúcia R. e ADAMATTI, Margarida (Org.). *Cinema e História: circularidades, arquivos e experiência estética*. Porto Alegre: Sulina, 2017, p. 62-89. Disponível em: <https://usp-br.academia.edu/MateusAraujoSilva>. Acesso em 20 fev. 2025.

_____. Glauber Rocha. *Transatlantic Cultures*, abril de 2022. Disponível: <https://www.transatlantic-cultures.org/pt/catalog/transatlantismo-de-glauber-rocha>. Acesso: 06 de junho de 2025.

ARMBRUSTER, Claudius. A cultura popular em Barravento e Deus e o Diabo na terra do sol. SCHULZE, Peter W.; SCHUMAN, Peter B. (Org.). *Glauber Rocha e as culturas na América Latina*. Frankfurt am Main: Publicações do Instituto Ibero-Americano, v.26, 2011, pp. 67-93 Disponível em: https://publications.iai.spk-berlin.de/receive/riai_mods_00002243. Acesso em: 26 mar. 2025.

ARRUDA, Ariadne Tadeu Pinheiro. *Vozes despedaçadas do sertão: violência, misticismo e corporeidade no livro Grande sertão: veredas, de Guimarães Rosa e no filme Deus e o diabo na terra do sol, de Glauber Rocha*. 145 f. Dissertação (Mestrado em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da FFLCH-USP). Orientador: Jaime Ginzburg. São Paulo, 2020.

ASSUNÇÃO, Jefferson. Travessia entre Glauber Rocha e Guimarães Rosa: o discurso autoconsciente de Deus e o diabo na terra do sol e sua relação com Grande sertão: veredas. *Revista Observatório da Diversidade Cultural*, vol. 2, n. 1, 2015, pp. 178-192.

AVELLAR, José Carlos. *Deus e o diabo na terra do sol: a linha reta, o melaço de cana e o retrato do artista quando jovem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

BRITO, Sílvia Barbalho. *Glauber Rocha e as escritas de si: a autobiografia e a autoficção em Riverão Sussuarana*. 147 f. Tese (Doutorado - Estudos em Literatura Comparada - pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte). Orientador: Márcio Venício Barbosa. Natal-RN, 2023.

CARDOSO, Marília Rothier. Cadernos de Glauber e Guimarães Rosa: aproximações. *Margens e margenes*, jan./jun., 2007. pp. 72-79.

CARVALHO, Maria do Socorro Silva. *A ideologia em Barravento: estudo de roteiro*. Salvador: Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia (Publicação 141), 1990.

CORREIA, Hamilton. O cinema bahiano já é uma realidade. *Diário de Notícias*, Salvador-BA, 10 mar. 1959, p. 05. Banco de Conteúdos Culturais da Cinemateca Brasileira. Disponível em: <http://www.bcc.org.br/textos/760427>. Acesso em: 19 fev. 2025.

CUNHA, Damyler Ferreira. *O uso da música e do som no filme experimental latino-americano: as experiências de Glauber Rocha em Pátio (Brasil, 1959) e Hugo Santiago em Invasión (Argentina, 1969)*. Orientador: Prof. Dr. Arlindo Ribeiro Machado Neto. 2019. Tese (Doutorado em Meios e Processos Audiovisuais) - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27161/tde-14082019-143712/publico/DamylerFerreiraCunhaVC.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2025.

DEBS, Sylvie. Cordel, cinema & Glauber. *Légua & meia: revista de literatura e diversidade cultural*, a. 14, nº 7, 2016. pp. 124-138. Disponível: <https://ojs3.uefs.br/index.php/leguaEmeia/article/view/2611>. Acesso: 06 de junho de 2025.

EM QUINZE minutos de filme, um universo poético: “O pátio”. *Jornal da Bahia*, Salvador-BA, 08-09 de mar. 1959, p. 05. Banco de Conteúdos Culturais da Cinemateca Brasileira. Disponível em: <http://www.bcc.org.br/textos/760426>. Acesso em: 19 fev. 2025.

ESCOREL, Eduardo. Glauber no turbilhão de 1964. Deus e o diabo - Ano I. *Piauí*, Questões de Cinema e História, Edição 90, março de 2014. Disponível: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/deus-e-o-diabo-ano-i/>. Acesso: 06 de junho de 2025.

FALCÃO, Marisa Aurea de Sá. *Riscos do traço e do olhar nas narrativas-limiar de Guimarães Rosa e Glauber Rocha*. 201 f. Tese (Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia). Orientadora: Evelina de Carvalho Sá Hoisel. Co-orientadora: Marinyze das Graças Prates de Oliveira. Salvador, 2014.

FARINACCIO, Pascoal. Rosa e Glauber contra a linguagem dos políticos. *Revista Contexto*, n. 19, 2011. pp. 463-479.

FONSECA, Cíntia Borges A. da Fonseca. Sobre derivas e travessias: restos de um sertão feito de letras em Deus e o diabo na terra do sol, de Glauber Rocha. *DIACRÍTICA*, vol. 38, n. 3, 2024. pp. 120-136.

FONSECA, Jair Tadeu da. Guimarães Rocha (ou Glauber Rosa). *Outra travessia*, n. 7, 2008. pp. 21-28.

GATTI, José. *Barravento: a estreia de Glauber*. Florianópolis/SC: Ed. da UFSC, 1987.

GUIMARÃES, Carolina Serra Azul. A fome e o sonho: o olhar de Glauber Rocha sobre a obra de Guimarães Rosa. *Terceira Margem*, Rio de Janeiro, n. 24, jan./jun. 2011. pp. 109-126.

GOMES, José Carlos Teixeira. *Glauber, esse vulcão*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

HENRIQUE, Luis. “O Pátio” de Glauber. *Jornal da Bahia*, Salvador-BA, 05-06 abr. 1959. Cidade, Homens e Bichos. Banco de Conteúdos Culturais da Cinemateca Brasileira. Disponível em: <http://www.bcc.org.br/textos/760429>. Acesso em: 19 fev. 2025.

LABAKI, Luis Felipe. Ouvir “O Pátio”. *Linda* - revista sobre cultura eletroacústica, 8, ano 2, 31 ago. 2015. Disponível em: <https://eca72.academia.edu/LuisFelipeLabaki>. Acesso em: 20 fev. 2025.

LIMA JÚNIOR, Walter. Barravento no cinema brasileiro. *Correio da Manhã*, 2º Caderno. Rio de Janeiro, 17 abr. 1962. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_07&pasta=ano%20196&pesq=%22Walter%20da%20Silveira%22&pagfis=28201. Acesso em: 26 mar. 2025.

MAIA, Vasconcelos. Paulino e Glauber. *Jornal da Bahia*, Salvador-BA, 11 mar. 1959. Dia sim, Dia não. Banco de Conteúdos Culturais da Cinemateca Brasileira. Disponível em: <http://www.bcc.org.br/textos/760428>. Acesso em: 19 fev. 2025.

MONZANI, Josette Maria Alves de Souza. *Gênese de Deus e o diabo na terra do sol*. São Paulo: Annablume, 2005.

_____. Glauber e a cultura popular. *Revista USP*, São Paulo (30), jun-agosto, 1996, pp. 290-306.

NUNES, Raquel Pereira Alberto. *Barravento(s): uma análise comparativa de roteiros*. Dissertação (Programa de Pós-Graduação do Departamento de História da PUC-Rio). Orientador: Luís Reznik. Rio de Janeiro, 2011.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Sertão e narração: Guimarães Rosa, Glauber Rocha e seus desenredos. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 23, n.1, p. 51-87, jan./abr., 2008. pp. 51-87.

PIERRE, Sylvie. *Glauber Rocha: textos e entrevistas*. Trad. Eleonora Bottmann. Campinas-SP: Papirus (Coleção Imagético), 1996.

RAFAEL, Raísa Damascena. *Riverão Sussuarana: uma re-visão*. 103 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO). Orientador: Manoel Ricardo de Lima Neto. Rio de Janeiro, 2016.

SILVA, Cleiton Oliveira da. *Regionalismo e fragmentação na experiência Barravento* - estudo de assimilações e análise de personagens. Orientador: Prof. Dr. Ivan Francisco Marques. 2020. Tese (Mestrado em Literatura Brasileira) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2020. Disponível em: <https://literaturabrasileira.fflch.usp.br/node/703>. Acesso em: 26 mar. 2025.

SILVEIRA, Renato. O jovem Glauber e a ira do orixá. *Revista USP*, São Paulo, n. 39, set./nov. 1998, pp. 88-115. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revusp/article/view/35070>. Acesso em: 26 mar. 2025.

SILVEIRA, Walter. In: ROCHA, Glauber et alli. *Deus e o diabo na terra do sol*. Biblioteca Básica de Cinema, Dir. Alex Vianny, vol. 1, Série Roteiros. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1965.

SOARES, Maria de Lourdes. Eduardo Lourenço e Glauber Rocha ou o quarto sertão. *Convergência Lusíada*, v. 15, n. 15, 2000. pp. 257-268.

TENTATIVA de Cinema na Bahia "O Pátio". *Estado da Bahia*, Salvador - BA, 27 dez. 1959, p. 05. Banco de Conteúdos Culturais da Cinemateca Brasileira. Disponível em: <http://www.bcc.org.br/textos/760425>. Acesso em: 19 fev. 2025.

TOLENTINO, Célia Aparecida Ferreira. Deus e o diabo na terra do sol e O dragão da maldade contra o santo guerreiro: dois tempos do rural em Glauber Rocha. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. XXIII/XXIV, nº 5 (1/2), 1992-1993, pp. 69-92. Disponível: <https://periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/44141>. Acesso: 06 de junho de 2025.

VENTURA, Tereza. Dispositivos culturais, pesquisa formal e instrumentalização em Barravento. SCHULZE, Peter W.; SCHUMAN, Peter B. (Org.). *Glauber Rocha e as culturas na América Latina*. Frankfurt am Main: Publicações do Instituto Ibero-Americano, v.26, 2011, pp. 53-65. Disponível em: https://publications.iai.spk-berlin.de/receive/riai_mods_00002243. Acesso em: 26 mar. 2025.

XAVIER, Ismail. A invenção do estilo em Glauber Rocha e seu legado para o cinema político. SCHULZE, Peter W.; SCHUMAN, Peter B. (Org.). *Glauber Rocha e as culturas na América Latina*. Frankfurt am Main: Publicações do Instituto

Ibero-Americano, v.26, 2011, p. 15-26. Disponível em: https://publications.iai.spk-berlin.de/receive/riai_mods_00002243. Acesso em: 20 fev. 2025.

_____. Glauber Rocha: o desejo da história. *O cinema brasileiro moderno*. São Paulo: Paz e Terra, 2001. pp. 127-155.

_____. Sertão mar. *Glauber Rocha e a estética da fome*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

YUTA, Edmar Tetsuo. *Glauber Rocha e a formação do cinema novo*. Orientadora. Profa. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda. 2003. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2003. Disponível em: <https://pos.fflch.usp.br/node/46823>. Acesso em: 26 mar. 2025.

7.5. REFERÊNCIAS GERAIS

A HISTÓRIA do Petróleo na Bahia, Cid Teixeira, Canal-UP, Publicado por Pipeline Bahia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=B0qdWOi7c84>. Acesso em: 20 fev. 2025.

ALVIM, Luíza. Cinema novo e música de vanguarda do século XX. *Matrizes*, São Paulo, v. 17, n. 1, jan.-abr. 2023, pp. 77-99. Disponível em: <https://revistas.usp.br/matrizes/article/view/185827>. Acesso em: 20 fev. 2025.

AMADO, Jorge. *Mar morto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AMARAL, Aracy (coord. editorial). *Arte Construtiva no Brasil*: Coleção Adolpho Leirner. Versão para o inglês: Izabel Burbridge. São Paulo: LLOYDS Bank, 1998.

_____. A luz de Almeida Junior. *Revista USP*, São Paulo, n. 5, mar.-abr.-maio, 1990. pp. 55-60. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25529>. Acesso em: 20 fev. 2025.

ANDRADE, Mário de. *Clã do Jabuti*. São Paulo: Iba Mendes, 2016.

_____. *Ensaio sobre a Música Brasileira*. Brasília: INL; São Paulo: Martins, 1972.

_____. *O Turista Aprendiz*. Ed. Telê Ancona Lopez e Tatiana Longo Figueiredo. Brasília: Iphan, 2015.

_____. *Paulicéia Desvairada*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. USP, 1987.

_____. *Macunaíma: O Herói Sem Nenhum Caráter*. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

ARANTES, Paulo Eduardo. Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira: dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz. [recurso eletrônico] São Paulo: Coleção Sentimento da dialética, 2021.

ARRIGUCCI Jr., Davi. Fala sobre Rulfo. *O Guardador de Segredos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a. pp. 162-176.

_____. Teoria da Narrativa: A Posição do Narrador. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, 31(57), set. 1998, pp. 9-43.

AUERBACH, Erich. *Figura*. (Série Temas, volume 62, Literatura e Filologia). São Paulo: Editora Ática, 1997.

_____. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. 7 ed. Trad. George Bernard Sperber. São Paulo: Perspectiva, 2021.

AZEVEDO, Milton M. *Vozes em Branco e Preto: A Representação Literária da Fala Não-Padrão*. São Paulo: Edusp (Coleção Campi 20), 2003.

BARROS, Regina Teixeira de. (curadoria). *Arte no Brasil: uma história do Modernismo na Pinacoteca de São Paulo (guia de visita)*. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2013.

BASTIDE, Roger. *Imagens do Nordeste místico em branco e preto*. Rio de Janeiro: Seção de Livros de O Cruzeiro, 1945.

_____. *O candomblé da Bahia (rito nagô)*. Trad. Maria Isaura Pereira de Queiroz. Brasileira (vol. 313). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961.

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaios sobre Literatura e História da Cultura*. Obras Escolhidas (Vol. 1). Trad. Sergio Paulo Rouanet. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BERGER, Peter. On the obsolescence of the concept of honor. HANERWAS, Stanley; MACINTYRE, Alasdair. (eds.). *Revisions: changing perspectives in moral philosophy*. Notre Dame - Indiana: Notre Dame University Press, 1983, pp. 172-181.

BORDWELL, David; THOMPSON, Kristin. *A arte do cinema: uma introdução*. Trad. Roberta Gregoli. Campinas-SP: Ed. da Unicamp; São Paulo-SP: Editora da USP, 2013.

BORDWELL, David. *La narración en el cine de ficción*. Trad. Pilar Vázquez Mota. Barcelona-Buenos Aires-México: Paidós, 1996.

BOSI, Alfredo. Situação de "Macunaíma". *Céu, Inferno: Ensaios de Crítica Literária e Ideologia*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2003. pp. 187-207.

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. Trad. Sergio Miceli, Silvia de Almeida Prado, Sonia Miceli e Wilson Campos Vieira. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRAGA, Júlio Santana. Notas sobre a pesca do xaréu: folclores e compromisso religioso. *Afro-Ásia*, Salvador, n. 10-11, 1970. pp. 43-65. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20759>. Acesso em: 26 mar. 2025.

BUBER, Martin. *Do diálogo e do dialógico*. Trad. Marta Ekstein de Souza Queiroz e Regina Weinberg. São Paulo: Perspectiva, 1982.

BUENO, Luís. *Uma História do Romance de 30*. São Paulo: Edusp; Ed. da Unicamp, 2006.

CANDIDO, Antonio. *A Educação pela Noite & Outros Ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.

_____. *Formação da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

_____. Literatura, Espelho da América? In: *Remate de Males*, Campinas, São Paulo, 1999. pp. 105-113.

_____. A Literatura e a Formação do Homem. *Textos de intervenção*. São Paulo: Duas Cidade/ Ed. 34, 2002. p. 77-93.

CANTOS de trabalho. Direção: Humberto Mauro. Rio de Janeiro/Brasil: INCE (Instituto Nacional de Cinema Educativo), 1955. 1 vídeo (9min44seg). Banco de Conteúdos Culturais da Cinemateca Brasileira. Disponível em: <http://www.bcc.org.br/filmes/443389>. Acesso em: 26 mar. 2025.

_____. *A nova onda baiana: cinema na Bahia (1958-1962)* Salvador: EDUFBA, 2002.

_____. *Imagens de um tempo em movimento: cinema e cultura na Bahia nos anos JK (1956-1961)*. Salvador: EDUFBA, 1999.

CARNEIRO, Edison. *Candomblés da Bahia*. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

CASCUDO, Luis da Camara. *Vaqueiros e cantadores*. Belo Horizonte, São Paulo: Ed. Itatiaia, Ed. da Universidade de São Paulo, 1984.

CAVALCANTI, Lauro. *Moderno e brasileiro: a história de uma nova linguagem na arquitetura (1930-60)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

CAVALCANTI, Rodolpho Coelho; VERGER, Pierre. A.B.C. da Bahia. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 3 mai. 1947. pp. 56-61. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=003581&pasta=ano%20194&pesq=%22ABC%20da%20Bahia%22&pagfis=54146>. Acesso em: 26 mar. 2025.

CARYBÉ. *As sete portas da Bahia*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1962.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHIARELLI, Tadeu. A repetição diferente: aspectos da arte no Brasil entre os séculos XX e XIX. *Crítica cultural*, vol. 4, n. 2, dez. 2009, pp. 125-161. Disponível em: <https://usp-br.academia.edu/TadeuChiarelli>. Acesso em: 20 fev. 2025.

CIDADE do Salvador. Direção: Humberto Mauro. Rio de Janeiro/Brasil: INCE (Instituto Nacional de Cinema Educativo), 1949. 1 vídeo (21min). Banco de Conteúdos Culturais da Cinemateca Brasileira. Disponível em: <http://www.bcc.org.br/filmes/443380>. Código: 013697. Acesso em: 19 fev. 2025.

COSTA, Cláudio. *Cinema brasileiro (Anos 60-70): dissimetria, oscilação e simulacro*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2000.

CUNHA, Euclides da. *Caderneta de campo*. Introdução, notas e comentário de Olímpio de Souza Andrade. Cadernos da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2009.

_____. *Os sertões*. Ed. crítica e organização de Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Ubu Editora/ Edições Sesc São Paulo, 2016.

DOR, Joel. *O Pai e sua Função na Psicanálise*. Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1991.

ENTRE O MAR e o tendal. Direção: Alexandre Robatto Filho; Colaboração técnica: Manoel Ribeiro; Arranjos musicais: Bandeirantes; Narração: Alfredo de Almeida; Cânticos d'Aruanda: Nezinho, Marcos e coro de Carimbamba. Salvador/ Brasil: Prefeitura Municipal de Salvador, Diretoria do Arquivo e Divulgação e Estatística, 1952-1953. 1 vídeo (21min47seg). Canal do Youtube Robatto Filho. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gBTBwJzeLd4>. Acesso: 26 mar. 2025.

FACÓ, Rui. *Cangaceiros e Fanáticos: gênese e lutas*. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976. Disponível: <https://digital.bbm.usp.br/view/?45000011227&bbm/7762#page/10/mode/2up>. Acesso: 06 de junho de 2025.

FILHO, Paulo Venâncio. (curadoria). *30x Bienal: transformações na arte brasileira da 1 a 30 ed*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2013.

FISCHER, Luís Augusto. *Duas formações, uma história: das ideias fora do lugar ao perspectivismo ameríndio*. Porto Alegre: Arquipélago, 2021.

_____. Vida e obra de João Simões Lopes Neto. In: NETO, Simões Lopes. *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*. (ed. anotada por Luís Augusto Fischer. RS: L&PM, 2013.

FLÔRES, Virginia Osorio. *Além dos limites do quadro: O som a partir do cinema moderno*. Orientador: Claudiney Rodrigues Carrasco. Tese (Doutorado em Multimeios) - Instituto de Artes da Universidade de Campinas (UNICAMP).

Campinas-SP. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/906939>. Acesso em: 20 fev. 2025.

FREUD, Sigmund. Uma Neurose Demoníaca no Século XVII. *Neurose, Psicose, Perversão*. Trad. Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

_____. *O Futuro de uma Ilusão*. Porto Alegre: L&PM, 2010.

_____. Totem e Tabu. *Totem e Tabu, Contribuição à História do Movimento Psicanalítico e Outros Textos (1912-1914)*. Trad. Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FRIEDMAN, Norman. O Ponto de Vista na Ficção: O Desenvolvimento de um Conceito Crítico. *Revista USP*, São Paulo, nº 53, mar/abr/mai, 2002, pp. 167-182

GALVÃO, Walnice Nogueira. *A donzela-guerreira: um estudo de gênero*. São Paulo: Editora SENAC, 1998.

_____. *O Império de Belo Monte: Vida e Morte de Canudos*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

GOMES, Paulo Emilio Sales. Cinema: trajetória no subdesenvolvimento. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GENETTE, Gérard. *Figures III*. Paris: Éditions du Seuil, 1972.

HOBBSBAWM, Eric. *A Era do Capital (1848-1875)*. Trad. Luciano Costa Neto. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015a.

_____. *Bandidos*. Trad. Donaldson M. Garschagen. 4 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015b.

IANNI, Octavio. A formação do proletariado rural no Brasil - 1971. In: STEDILE, João Pedro. (org.) *A questão agrária no Brasil: o debate na esquerda 1960-1980*. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

_____. *Enigmas da Modernidade-Mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

JAEGER, Werner. *Paideia: a formação do homem grego*. 6 ed. Trad. Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

JARDIM, Eduardo. *Mário de Andrade: Eu sou Trezentos*. Rio de Janeiro: Edições Janeiro, 2015.

JÚNIOR, Almeida. *Leitura*. 1892. Pintura, óleo sobre tela, 95 x 141 cm. Pinacoteca de São Paulo. Reprodução disponível em: <https://acervo.pinacoteca.org.br/online/ficha.aspx?ns=201000&id=11940&lang=po&PR=9033>. Acesso em: 20 fev. 2025.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad. Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto, Ed. PUC-Rio, 2006.

LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto*. O município e o regime representativo no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. Condenado pela Raça, Absolvido pela Medicina: o Brasil Descoberto pelo Movimento Sanitarista da Primeira República. In: MAIO, Marcos Chor, SANTOS, Ricardo Ventura (Orgs.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz, Centro Cultural Banco do Brasil, 1996, pp. 23-40.

LIMA, Nísia Trindade. Missões Civilizatórias da República e Interpretação do Brasil. *Análise - História, Ciências, Saúde - Manguinhos* 5 (suppl) julho 1998.

_____. *Um Sertão chamado Brasil*. Rio de Janeiro: Renavan/ IUPERJ, UCAM, 1999.

LINS, Wilson. *O Médio São Francisco: Uma Sociedade de Pastores e Guerreiros*. 3 ed. São Paulo: Ed. Nacional; [Brasília]: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1983.

LOBATO, Monteiro. *Mister Slang e o Brasil e Problema Vital*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1968.

LOPES, Eliane Cristina. *O revelar do pecado: Os Filhos Ilegítimos na São Paulo do Século XVIII*. São Paulo: Annablume/ FAPESP, 1998.

LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance: Um Ensaio Histórico-Filosófico sobre as Formas da Grande Épica*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

MOTTA, Leonardo. *Cantadores: poesia e linguagem do sertão cearense*. Rio de Janeiro: Livraria Castilho, 1921.

METZ, Christian. *A significação do cinema*. Trad. Jean-Claude Bernardet. São Paulo: Perspectiva, 1972.

MEYER, Marlyse. O Que É, ou Quem Foi Sinclair das Ilhas? *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, Brasil, n. 14, p. 37-63, 1973.

MORAES, Antonio Carlos Robert. O sertão: um outro geográfico. *Terra Brasilis*. [Online], 4-5, 2003, online 05 nov. 2012. Disponível em <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/341>; <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.341>. Acesso em 28.07.2020.

MORAIS, Clodomir Santos. I - História das Ligas Camponesas - 1969. STEDILE, João Pedro. (org.) *A questão agrária no Brasil: história e natureza das Ligas Camponesas 1954-1964*. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

MORETTIN, Eduardo; KORNIS, Mônica Almeida. Entrevista com Ismail Xavier. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 26, nº 51, p. 213-238, jan.-ju., 2013. pp. 213-238. Disponível: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/10377>.

MORIN, Edgar. L'interview dans les sciences sociales et à la radio-télévision. *Communications*, Année, 7, 1966, p. 59-73. Disponível: https://www.persee.fr/doc/comm_0588-8018_1966_num_7_1_1095.

NAPOLITANO, Marcos. *História do regime militar brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.

NETO, João Cabral de Melo. *Morte e vida severina*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

_____. *Poesia Completa*. Org. Antonio Carlos Secchin. Coloração Edneia R. Ribeiro. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2020.

NAGIB, Lúcia. *Brazil on screen: cinema novo, new cinema, utopia*. New York, London: I.B. Tauris, 2007.

PACE, Eliana. *Sérgio Ricardo: canto vadio*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.

PANCETTI, José. *Pescadores*. Pintura, óleo sobre tela. 26 x 40,2 cm. Coleção Nilma Pancetti. Reprodução disponível em: <https://www.farolsantander.com.br/assets/sites/2/20240322124404/Pancetti-Catalogo.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2025.

PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999.

PETRÓLEO: sondas e refinaria. Direção: Alceu Maynard Araújo. São Paulo/SP/Brasil: Série Veja o Brasil, TV Tupi, 1951. 1 vídeo (08min44seg). Banco de Conteúdos Culturais da Cinemateca Brasileira. Disponível em: <http://www.bcc.org.br/filmes/869158>. Código: 013641. Acesso em: 19 fev. 2025.

PRINCE, Gerald. *Narratology: the form and functioning of narrative*. Berlin-New York-Amsterdam: Mouton Publishers, 1982.

QUEIRÓS, Eça de. *A ilustre casa de Ramires*. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2023.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *História do Cangaço*. 5 ed. São Paulo: Global, 1997.

RAMOS, Graciliano. *Garranchos*. Rio de Janeiro: Record, 2013.

_____. *Linhas Tortas*. Rio de Janeiro: Record, 2016.

_____. *Vidas Secas*. 38 ed. Rio de Janeiro: Record, 1977.

REIS, João José; SILVA, Eduardo. *Negociação e Conflito: a resistência negra no Brasil escravista*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

RIBEIRO, Ana Carolina Carmona. *Botânica modernista e a natureza do Brasil redescoberto*. Orientador: Prof. Dr. Vladimir Bartolini. 2013. Tese (Doutorado em Paisagem e Ambiente - Paisagem e Sociedade) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2023. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16135/tde-11122023-112427/publico/TE_ANACAROLINACARMONARIBEIRO_rev.pdf. Acesso em: 19 fev. 2025.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: A Formação e o Sentido do Brasil*. São Paulo: Global Editora, 2014.

RICOEUR, Paul. *Percurso do Reconhecimento*. Trad. Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

RISÉRIO, Antonio. *Avant-garde na Bahia*. São Paulo: Instituto Lina Bo e P.M. Bardi, 1995.

SÁ, Lúcia. *Literatura da Floresta: Textos Amazônicos e Cultura Latino-Americana*. Trad. Maria Ignez França. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

SCHWARTZ, Jorge. Lasar Segall: um ponto de confluência de um itinerário afro-latino-americano nos anos 20. *Literatura e Sociedade*, São Paulo, v. 9, n. 7, 2004, p. 196-222. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/l/article/view/25420>. Acesso em: 20 fev. 2025.

SCHWARZ, Roberto. Conversa sobre Duas Meninas. *Praga* (Estudos Marxistas), Editora HUCITEC, São Paulo, nº 5, maio de 1998. pp. 7-15.

_____. *O Pai de Família e Outros Estudos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. *Que Horas São?* São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SEGALL, Lasar. *Bananal*. 1927. Pintura, óleo sobre tela. 87 x 27 cm. Pinacoteca de São Paulo. Reprodução em: <https://acervo.pinacoteca.org.br/online/ficha.aspx?id=15342&ns=201000&lang=BR&c=pesquisa&IPR=646>. Acesso em: 20 fev. 2025.

SETARO, André. *Panorama do cinema baiano*. Salvador-BA: Fundação Cultural do Estado da Bahia, Programa de Incentivo à Crítica de Artes, 2013.

SEVCENKO, Nicolau. O Prelúdio Republicano, Astúcias da Ordem e Ilusões do Progresso. (org.). *História da Vida Privada no Brasil* (vol. 3). República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp.

SOUZA, Gilda de Mello e. Terra em transe. *Exercícios de Leitura*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34 (Coleção Espírito Crítico), 2009.

_____. *O Tupi e o Alaúde*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2003.

STAM, Robert. *Multiculturalismo tropical: uma história comparativa da raça na cultura e no cinema brasileiros*. Trad. Fernando S; Vugman. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

_____. *A questão agrária no Brasil: o debate na esquerda 1960-1980*. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

SUSSEKIND, Flora. *O Brasil Não é Longe Daqui*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SYMPHONIE pour un homme seul (ballet de Maurice Béjart). Direção: Louis Cuny. França: Celia Films, Les Films Jean Image e C. de Saint Maurice, 1957. 1 vídeo (14min27seg). INA (Institut national de l'audiovisuel), Artsonores - L'aventure électroacoustique. Disponível em: <https://fresques.ina.fr/artsonores/fiche-media/InaGrm00203/symphonie-pour-un-homme-seul.html>. Acesso em: 19 fev. 2025.

TAVARES, Odorico; VERGER, Pierre. A pesca do xaréu. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 18 de out. 1947, pp. 52-66. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=003581&pasta=ano%20194&pesq=%22A%20pesca%20do%20xar%C3%A9u%22&pagfis=55918>. Acesso em: 26 mar. 2025.

_____. Conceição da Praia. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 31 mai. 1947. pp. 28-36. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=003581&pasta=ano%20194&pesq=%22A%20pesca%20do%20xar%C3%A9u%22&pagfis=54464>. Acesso em: 26 mar. 2025.

TELES, Gilberto Mendonça. "O Lu(g)ar dos Sertões". *Verbo de Minas: Letras*. Juiz de Fora, v.8, n.16, jul./dez. 2009. p. 71-108. Disponível em: <https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/verboDeMinas/article/view/246>. Acesso em: 08 dez. 2024.

THIELEN, Eduardo Vilela. et al. *A Ciência a Caminho da Roça*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1991.

UM DIA na Rampa. Vídeo. 10min08s. Canal do Youtube de CDO Sergipe - Mestre Salgado. Publicado em 3 ago. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Tdqb7a0ykCM>.

UM SINO dobra em Canudos. Vídeo. 32min21s. Canal do Youtube de Handerson Monteiro. Publicado em 24 out. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LVXyyw3GRn0>.

VALLADARES, José. *Béabá na Bahia: guia turístico* [online]. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2012.

VASCONCELLOS, Pedro Lima. *Do Belo Monte das promessas à Canudos destruída*: o drama bíblico da Jerusalém do sertão. Maceió: Catavento, 2010.

_____. Para o futuro e para o fim que não termina: horizontes de Belo Monte de Antonio Conselheiro. *Reflexão*, vol. 40, n. 1, jan.-jun., 2015, pp. 59-75.

VERNANT, Jean-Pierre. A bela morte e o cadáver ultrajado. Trad. Elisa Kossovitch e João Adolfo Hansen. *Discurso*, São Paulo 9, 12 set. 1978, pp. 31-62. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/37846>. Acesso em: 21 fev. 2025.

WATT, Ian. *A ascensão do romance*: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WISNIK, José Miguel. Entre o Erudito e o Popular. *Revista de História*, São Paulo, Universidade de São Paulo, número 157, dezembro de 2007, pp. 55-72.

WISSENBAACH, Cristina Corteza. Da Escravidão à Liberdade: Dimensões de uma Privacidade Possível. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da Vida Privada no Brasil*. (vol. 3). República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

XARÉU. Direção: Alexandre Robatto Filho. Co-paginação: Manoel Ribeiro; Arranjos Musicais: Paulo Jatobá; Execução Musical: Coral Ceciliano dirigido por Smíramis Seixas. Salvador/ Brasil, 1954. 1 vídeo (09min47seg). Canal do Youtube Robatto Filho. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7IF8HyyTu6A>. Acesso em: 26 mar. 2025.

XAVIER, Ismail. O olhar e a voz: a narração multifocal do cinema e a cifra da História em São Bernardo. *Literatura e Sociedade*, São Paulo, v. 2, n.2, p. 126-138. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ls/article/view/13886>. Acesso em 10 jan. 2025.

_____. *O cinema brasileiro moderno*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. Trad. Jerusa Pieres Ferreira, Maria Lúcia Diniz Porchat e Maria Inês de Almeida. São Paulo: Ed. HUCITEC, 1997.